

Plano de Ação Ambiental: Tecendo o encontro entre escola e comunidade

Plan de Acción Ambiental: tejiendo el encuentro entre la escuela y la comunidad

Environmental Action Plan: Weaving the encounter between the school and the community

Lic. Pâmela Saraiva Miranda¹

Ma. Sabrina Meirelles Macedo²

Ma. Lissette Torres Arevalo³

Resumo

Este artigo, visa apresentar a construção teórica de um Plano de Ação Ambiental, onde, tecemos possível articulação entre escola como espaço de ensino formal e comunidade como espaço de ensino não formal. Neste diálogo de espaços educativos, objetivamos promover ações de educação ambiental. Este pensar, no e com o coletivo emerge na disciplina Educação Ambiental no Ensino Formal, fomentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental PPGEA/FURG. Visamos, contribuir na construção de um processo permanente de formação de sujeitos pertencentes a comunidade escolar, tendo como foco os princípios e fundamentos da EA. Contudo, o Plano de Ação Ambiental se apresenta como uma proposta de processo educativo emancipatório, crítico e reflexivo para os sujeitos envolvidos com a escola e comunidade.

Palavras-Chave: Educação Ambiental; Escola; Projeto de Ação.

Resumen

Este resumen pretende presentar la construcción teórica de un Plan de Acción Ambiental, en donde tejimos la posible articulación entre la escuela como espacio de enseñanza formal y la comunidad como espacio de enseñanza no formal. En este diálogo de espacios educativos, objetivamos promover acciones de educación ambiental. Este pensar en y con el colectivo emerge en la disciplina Educación Ambiental en la Enseñanza Formal, fomentada en el Programa de Pos graduación en Educación Ambiental PPGEA/FURG. Pretendemos, contribuir en la construcción de un proceso permanente de formación de sujetos pertenecientes a la comunidad escolar, teniendo como foco los principios y fundamentos de la EA. Y sin embargo, el Plan de Acción Ambiental se presenta como una propuesta de proceso educativo emancipatorio, crítico y reflexivo para los sujetos involucrados con la escuela y la comunidad.

Palabras claves: Educación Ambiental; Escuela; Proyecto de Acción.

Abstract

This abstract aims to present the theoretical construction of an Environmental Action Plan, where we wove the possible articulation between the school as a formal teaching space and the community as a non-formal teaching space. In this dialogue of educational spaces, we aim to promote environmental education actions. This thinking in and with the collective emerges in the discipline of Environmental Education in Formal Education, promoted in the Postgraduate Program in Environmental Education PPGEA / FURG. We intend to contribute in the

¹ Pedagoga. Mestranda no Programa de Pós- Graduação em Educação Ambiental PPGEA/FURG; Bolsista CAPES; E-mail: ms.pamelasaraiva@gmail.com.

² Mestre em História. Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: sabrinameirelles@hotmail.com.

³ Gestora e Planejadora Ambiental. Doutoranda do PPGEA/FURG; Bolsista PAEC OEA-CUB;E-mail: lissettetorresarevalo@gmail.com.

construction of a permanent process of training of subjects belonging to the school community, having as a focus the principles and foundations of the EA. And yet, the Environmental Action Plan is presented as a proposal for an emancipatory, critical and reflective educational process for the subjects involved with the school and the community.

Keywords: Environmental Education; School; Action Project.

1. Introdução

A presente escrita, é fruto de uma articulação teórica entre três educadoras ambientais em processo de formação, refletindo conjuntamente sobre, possibilidades de ações educativas ambientais que possibilitem a conexão entre escola e comunidade. Este pensar coletivo, emerge por meio das discussões suscitadas e instigadas na disciplina de Educação Ambiental no Ensino Formal, ofertada no primeiro semestre letivo do ano de 2018, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental PPGEA/FURG, sob a regência de três Profa. Dra. do referido programa e instituição.

Entendemos que é de extrema importância, o movimento de gerar intencionalidades educativas ambientais, tendo em vista que este processo de construção corrobora para a afirmação da EA como prática pedagógica que deve ser implicada em toda e qualquer intencionalidade para com o ser humano e o meio ambiente. Neste sentido, desmitificando uma visão reducionista com que ainda é vista a educação ambiental dentro dos espaços formais e não-formais de ensino.

Desenvolver projetos ligados a redução de poluição sonora e visual, coleta de lixo e o desperdício de água, são temas frequentes quando se propõe projetos ou ações dentro da escola, ressaltamos a importância destes assuntos, porém, a educação ambiental ainda se constitui mais afundo do que visualmente podemos observar. Portanto, estabelecendo a compreensão, de que o processo ensino-aprendizagem se faz no e com o coletivo problemáticas sociais emergentes dos sujeitos sociais também são questões ambientais.

Construímos um Plano de Ação, a ser desenvolvido inicialmente no espaço formal de ensino (escola) tendo sua culminância no espaço não formal (comunidade local), neste diálogo de espaços educativos, objetivamos, contribuir na construção de um processo permanente de formação de sujeitos pertencentes a comunidade escolar, tendo como foco os princípios e fundamentos da Educação Ambiental. Tal projeto de ação, foi intitulado de “Conexão necessária: Educação Ambiental entrelaçada à formação permanente dos sujeitos pertencentes a comunidade escolar e local”, sob a perspectiva de integrar a escola com a comunidade local, intencionando assim, atender não somente as necessidades educativas, mas

repensar a partir do coletivo dos sujeitos envolvidos, as necessidades locais do ambiente ao qual a escola faz parte.

Entendemos a Educação Ambiental como um processo de formação humana que se estabelece no e com o coletivo, no diálogo entre os diferentes sujeitos, e que visa transformar as formas de vida e de percepção dos sujeitos em suas relações com outros seres humanos e não humanos e com o mundo. Compreendendo que, todos nós organismos vivos partilhamos de um mesmo meio ambiente, formado e formador, neste sentido, concordando com BOOF (1938, p.09) “o meio ambiente que, na verdade, é o ambiente inteiro porque engloba todos os seres”.

Tal proposta justifica-se por seu caráter transformador, frente à necessidade de, enquanto escola e comunidade refletirmos sobre os problemas socioambientais e propormos soluções, a fim de possibilitar uma melhoria na qualidade de vida da coletividade. Sendo a escola um microcosmo da sociedade e um lugar de socialização dos seres humanos, propor atividades pedagógicas que instiguem o problematizar e o refletir sobre as questões tocantes ao cotidiano, se faz necessário e potente para a formação de sujeitos críticos, autônomos e atuantes na atual sociedade.

Concordando com Harper (2003), quando salienta que:

Enquanto espaço social em que a educação formal, que não é toda a educação, se dá, a escola na verdade não é, a escola está sendo historicamente. A compreensão do seu estar sendo, porém não pode ser lograda fora da compreensão de algo mais abrangente que ela - a sociedade na qual se acha. A educação formal que é vivida na escola é um subsistema do sistema maior (p.07).

Neste sentido, determinada ação, também visa contribuir para a aproximação entre escola e comunidade, promovendo o respeito à diversidade cultural e social, estabelecendo uma linha de diálogo entre os diferentes saberes e fazeres presentes na sociedade. Segundo Enrique Leff (2010), o saber ambiental muda a forma dos sujeitos se relacionarem com o conhecimento, transformando a relação deste com os demais sujeitos e com o mundo, conhecimento este construído a partir das relações entre os diferentes sujeitos, de diferentes culturas e significações do real, integrando os saberes advindos do ensino formal e dos saberes adquiridos nas experiências de vida.

Tendo, o Projeto de Ação a caracterização de transformação coletiva contemplando não somente ambientes formais e não formais, mas os sujeitos envolvidos, se faz de extrema importância, deixar claro toda a intencionalidade educativa, diante da metodologia e dos resultados esperados. Neste sentido, uma prática pedagógica consciente, educa através do problematizar e do dialogar a realidade coletiva. (Dickmann, Dickmann. 2016).

Para nós, a compreensão de Educação Ambiental como formação humana nos remete a reflexão sobre a centralidade dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico. E centra-se na formação desses sujeitos significa trabalhar por um projeto de ser humano, vinculado a um projeto de sociedade, no qual podemos definir processos de aprendizagem necessários para essa formação, sem deixar de lado a cultura e a história de vida das pessoas envolvidas.

2. Fundamentação Teórica

No Plano de Ação proposto, existe um desafio ético e político, pois buscamos sentido e pertencimento de uma relação com o mundo em geral e com a comunidade local em especial. Os processos de ensino-aprendizagem que partem da realidade social dos estudantes e abordam seus interesses e contextos, são mais significativos e possibilitam que os estudantes se sintam parte ativa e integrante do processo.

Dessa forma, defendemos um Plano de Ação Ambiental vinculado a um projeto de transformação social e formação integral dos seres humanos, que articule diferentes ações em seu plano, na perspectiva de aliar teoria e prática durante seu desenvolvimento. Segundo Kramer, “toda proposta pedagógica é expressão de um projeto político e cultural” (1997, p15), o enfoque ambiental se apresenta como uma possibilidade para a formação de novas formas de organização social, pautadas em valores éticos, e respeito à diversidade e todas as formas de vida.

A Educação Ambiental, propõe um repensar de valores e estilos de vida, considerando a formação dos sujeitos de forma integral, nas suas mais diferentes dimensões e relações, apresentando um caráter transformador, conforme aponta Boff (2012):

Os processos educacionais estão profundamente articulados com os modos de construção de nós mesmos neste tempo em que vivemos. Esta construção acontece nas relações que estabelecemos com o mundo, com a natureza e com as outras pessoas. (BOFF, 2012, p.37).

Sob esta perspectiva, a EA assume uma atitude dialógica diante dos fenômenos que a cercam, e entendemos que tal processo se fundamenta nas contribuições do educador Paulo Freire, sobre diretividade, diálogo e humanização dos sujeitos envolvidos, isto é, ações que se fundamentam nos princípios da educação emancipadora e crítica:

Por isto o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p.45).

Tais ações, valorizam o saber adquirido na experiência social e cultural que direcionam para novas aprendizagens na formação dos seus estudantes, bem como a transformação da comunidade em geral. Logo, o diálogo, que é base na educação, apresenta-se numa perspectiva transformadora e popular de Educação Ambiental, porque só nos educamos/aprendemos dialogando em um conjunto de relações, pelas quais definimo-nos como seres sociais e planetários. Freire (1987), já justificava a visão de educação como um processo dialógico pelo qual nos educamos mutuamente mediados pelo mundo

Segundo Freire (1990), em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, é importante defendermos uma pedagogia que promova a emancipação dos sujeitos, seja por intermédio de lutas ou pela sua própria libertação. Contudo, isso só terá significado e sentido se os próprios oprimidos se empenharem na reconstrução de sua humanidade, buscando “[...] a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos-libertar-se a si e aos opressores” (FREIRE, 1987, p.30).

Nesse viés, a possibilidade de pensarmos em uma nova sociedade deve considerar que somos seres com culturas, linguagens, especificidades e integrais, é que somos parte de um sistema maior, ou seja, dividimos a “única Casa Comum” a todos (BOFF, 2012). Neste sentido, pensar a partir das quatro ecologias propostas pelo mesmo autor sendo elas: Ecologia Ambiental, Ecologia Política e Social, Ecologia Mental e Ecologia Integral, entendendo que uma está contida na outra e todas devem constituir o ser humano enquanto sujeito histórico, social e integral.

Sendo o diálogo a base de uma educação crítica e transformadora (FREIRE, 2013), que visa a constituição de sujeitos conscientes e autônomos, o plano de ação proposto tem como princípio norteador a valorização dos saberes adquiridos na experiência social e cultural. Afinal de contas, a educação se processa na relação entre diferentes sujeitos, em comunhão e no partilhar de ideias e saberes.

3. Metodologia

A fim de atingir os objetivos propostos no referido Plano de Ação Ambiental, inicialmente será necessário um movimento de formação pedagógica, realizado mediante processos permanentes de formação, estabelecido pelo corpo docente e gestor da escola, com o intuito de repensar as práticas pedagógicas desenvolvidas relacionadas às temáticas de formação permanente dos sujeitos e educação ambiental (MUNOZ, 1996). Compreendemos que ambas se entrelaçam, pois refletir sobre a Educação Ambiental é incluir os sujeitos pertencentes, não somente a comunidade escolar, mas o entorno dela, visando desta forma, a

formação de seres humanos que possam atuar com ações transformadoras sobre a realidade vivenciada cotidianamente. (CARVALHO, 2012).

Se tanto tu como a tua família podem fazer tantas coisas para resolver problemas como a chuva ácida e o efeito estufa, imagina o poder que terão centenas de consumidores ecológicos, se trabalharem em conjunto na escola. E se todas as escolas fizessem o mesmo, os resultados seriam excelentes. (ELKINGTON e HAILES, 1991, p. 60).

Desta maneira, é possível suscitar reflexões para além do ambiente formal de educação e extravasar a partir dos muros da escola, neste sentido, estabelecer não somente aproximações, mas de igual forma e na mesma direção propiciando momentos de relações e pertencimento entre escola e comunidade local. As relações estabelecidas deverão ser permeadas de um olhar sensível, holístico na intenção de ver mais do que está exposto visualmente, é ver o que cotidianamente se vê, mas com outro olhar é percebido (CARVALHO, 2012).

Em seguida, será preciso trazer a comunidade local para a escola, através de reuniões para apresentar a proposta e convidá-la a participar do processo de ensino-aprendizagem, abrindo espaço para que a comunidade local também possa contribuir. Segundo Munoz (1996), é difícil conseguir essa relação que tanto necessita o sistema educativo, mas o crescimento da Educação Ambiental está diretamente ligado a qualquer movimento que a escola consiga construir.

Assim, é possível o desenvolvimento de um ser humano que caminhe para a permanente busca do “SER MAIS!, que compreenda os temas geradores, movimento o processo de Ação-Reflexão-Ação, ou Codificação-Descodificação-Codificação das situações-limites, desenvolvendo então ações transformadoras a partir da conscientização do que vive e do contexto ao qual está inserido. (FREITAS e FREITAS, 2017). Neste sentido, este Plano de Ação Ambiental também dialoga com REIGOTA (2009), quando este apresenta conscientização, conhecimento, comportamento, competência, capacidade de avaliação e participação como os seis objetivos da EA.

Compreendemos que a Educação Ambiental não é acomodada e nem estática, mas sim movimentam se na direção conflitante acompanhando as transformações dos contextos sociais, econômico e político, fazendo ampliarmos nossos sentidos humanos (DOLCI e MOLOM, 2015). Trazendo os seres humanos para dentro da sociedade, possibilitando o sentimento de pertencimento de mundo, de sociedade e de coletividade, pois os problemas apresentados nos contextos mencionados atingem a toda uma comunidade coletiva, então o problema não é dele (a) e sim nosso, na medida em que compreendemos que somente com e

no coletivo e a partir das relações dialógicas é que podemos buscar uma sociedade melhor para todos.

Após os primeiros acordos e delimitações do projeto com professores, alunos e comunidade, almeja-se que cada turma do Ensino Fundamental da escola realize junto ao seu professor responsável projetos de Educação Ambiental viáveis de execução em cada um dos três trimestres, com temas que deverão ser problematizados e/ou emergirem nas turmas. O cronograma para o desenvolvimento das ações propostas pela e com a comunidade escolar será organizado conforme o calendário escolar e desenvolvimento do Plano de Ação Ambiental na instituição de ensino.

Imagina-se que ao final do ano para a Mostra Cultural da escola todas as turmas tenham trabalhos e atividades para apresentar nas mais várias formas como teatro, música, culinária, gastronomia, desenho, fotografia, jogos, dentre outros que possam surgir. De igual forma a comunidade poderá expôr o que produz e realiza, promovendo assim, a possibilidade de um espaço para interação e estabelecimento de relações mútuas entre comunidade-escola e os sujeitos envolvidos.

A Mostra Cultural pretende ser realizada em um espaço disponibilizado dentro da comunidade local para que haja os dois movimentos: um processual que é a comunidade local na escola e outro transformador que é a escola na comunidade local, e que ambos possam apresentar o que advém de seus contextos históricos e culturais. Promovendo nos seres humanos envolvidos os processos de “implicar” e “deslocar”, mencionados por com BOFF (2012):

Tanto o “implicar” quanto o “deslocar” significa movimento. Mas o educador não faz o seu trabalho anunciando que vai promover o movimento das pessoas. Ao invés de anunciar qualquer promessa de mudança ou de alguma mágica, é preciso organizar as vivências. (BOFF, 2012, p. 40).

Portanto, experienciando a partir de suas vivências e ressignificando os sujeitos a partir de suas sensibilidades para com o outro, comunidade e escola. Espera-se que este Plano de Ação Ambiental, desenvolva as relações entre sociedade e natureza, mediante valores e princípios éticos, estéticos, sociais e ambientais, estabelecendo um diálogo na perspectiva da horizontalidade, onde não haja a hierarquização entre saberes, mas que conjuntamente entre conhecimentos científicos e conhecimentos do senso comum se desenvolve o processo educativo.

Através da inserção da dimensão socioambiental que envolve além do ensino, pesquisa, extensão e a gestão, esperamos consequentemente uma nova cultura tanto na comunidade local quanto no ambiente formal de ensino, neste caso, a escola. Assim, esse

resultado poderá ser percebido com o envolvimento no Plano de Ação Ambiental bem como na Mostra Cultural, desde as tradições, costumes, modos de ações, visões, percepções, entre outros, daqueles que a compõem.

A avaliação está presente em todas as atividades humanas, mas em um contexto escolar ela realiza-se mediante os objetivos estabelecidos, que também refletem valores e normas sociais. De acordo com VILLAS-BOAS (1998), as práticas avaliativas podem servir à transformação social e não acontece em momentos isolados do trabalho pedagógico, pois permeia todo o processo.

Logo, acreditamos na avaliação processual por ser um meio e não um fim e por estar dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação, Educação Ambiental de forma específica e conseqüentemente de ensino e aprendizagem.

4. Considerações finais

As vivências e experiências construídas nas relações estabelecidas entre os sujeitos em suas mais variadas dimensões – família, escola, igreja, comunidade – são constitutivas de sua identidade, são elementos formativos de suas subjetividades. Propiciar momentos de sensibilização, os quais que se proponha a provocar o pensar as questões socioambientais, é de extrema relevância para a formação do sujeito ecológico. Ao se transformar a forma de ver o mundo e as relações entre os seres, lançando as bases para uma convivência ética e amorosa, será possível mudar a realidade social. A escola é um dos espaços mais ricos e preñhes de possibilidades para que esta mudança se inicie, e fora dela se faça de forma permanente e dinâmica.

Desta forma, o referido Plano de Ação Ambiental apresenta-se como uma possibilidade de formação permanente, coletiva – tanto nossa, educadoras ambientais que nos propusemos a refletir e pensar a atividade, como dos demais sujeitos envolvidos neste processo, os quais são o eixo central da ação proposta. Sob a perspectiva de uma educação dialógica, na qual a partir do diálogo dos diferentes sujeitos e do compartilhar de saberes e fazeres, os sujeitos se educam mutuamente em comunhão, o objetivo é convidar a comunidade escolar a pensar e propor soluções para suas questões cotidianas, para que assim se entendem enquanto sujeitos e agentes de suas próprias trajetórias, desenvolvendo e exercitando a autonomia e a coletividade. A proposta de trabalhar com as mais variadas linguagens, as mais diferentes formas de expressão culturais, contempla as muitas dimensões do ser e sentir, compreender e apreender o mundo e suas significações.

Um processo educativo que se pretende ser crítico e reflexivo deve se prestar a capacitar os sujeitos a se colocarem frente às questões socioambientais, a se posicionarem de forma crítica e consciente de suas responsabilidades enquanto integrantes de uma comunidade, comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, com condições de vida decente para todos, cientes de seu papel político, exercendo sua cidadania.

Ao pensar sobre as inúmeras atividades pedagógicas propostas na escola, e as inúmeras situações vivenciadas pelos sujeitos em suas comunidades, é relevante refletir sobre como estas atravessam seus sentidos, como e se são percebidas, a ponto de transformar a forma de ver e viver destes sujeitos. Larrosa (2002) aponta que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca.”. Ou seja, nem tudo que acontece se transforma em experiência, nos fala aos sentidos. E o sujeito da experiência é aquele que está disponível, receptivo às sensações, sabores e saberes propiciados pelas relações com os outros e consigo próprio. E a experiência só faz sentido quando ela transforma o sujeito, provoca mudanças.

O autor Larrosa (2009), salienta que “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (LARROSA, p. 25). Neste sentido, as atividades propostas neste Plano de Ação objetiva possibilitar encontros, criar possibilidade de experiências que toquem os sujeitos envolvidos, que ao verem contemplados seus interesses e questões cotidianas, se sintam tocados e transformados, e assim, sejam capazes de provocar mudanças na sociedade, construindo redes, ampliando ações.

Ao propor o encontro entre os diferentes saberes – os saberes construídos e sistematizados no âmbito escolar e os saberes da vida – o referido Plano de Ação se apresenta como uma proposta de um processo educativo emancipatório, crítico e reflexivo. O saber da experiência se consolida a partir das respostas que os sujeitos vão dando as coisas que lhes acontecem, como vão propondo alternativas e soluções para os desafios que vão se apresentando, e que requerem atenção. Este é o propósito deste Plano de Ação - educar e capacitar os sujeitos para gerirem de forma individual e coletiva suas realidades e suas vidas, sem a tutela de órgãos e instituições, agindo como agentes participativos e autônomos, construindo uma outra realidade, em um processo permanente de formação, que nunca se esgota nem se encerra em si.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, p.20-28. Disponível em : http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413-4782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 28 ago. 2018

BOFF, Leonardo. *As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral* / Leonardo Boff. - Rio de Janeiro: Mar de Ideias: Animus Anima, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico* / Isabel Cristina de Moura Carvalho - 6. ed. - São Paulo: Cortez, 2012.

DOLCI, Luciana Netto; MOLON, Susana Inês. Educação Estético-ambiental na produção científica de dissertações e teses no Brasil. *Revista Ambiente e Educação*. Vol. 20, n.2, 2015.

ELKINGTON, John e HAILES, Julia. *Guia do jovem consumidor ecológico*. Lisboa, Gradiva, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire - 45ª ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, André Luis Castro, FREITAS, Luciane Albernaz de araujo. A vocação ontológica do ‘ser mais’: ‘situações-limites’ - aproximando freire e vieira pinho. *RPGE - Revista on line de Política e Gestão Educacional*, v.21, n.2, p. 432-448, maio-ago/2017. Disponível em: : <http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.2.2017.9964> . Acesso em: 08 de jul. de 2018.

DICKMANN, Ivo. *Primeiras palavras em Paulo Freire* / Ivo Dickmann, Ivánio Dickmann. - São Paulo: Editora Ação Cultural, 2016. 240p.

HARPER, Babette. et al. *Cuidado, escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas*. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

KRAMER, Sônia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. *Revista Educação e Sociedade: Ano XVIII, número 60*. Dezembro de 1997.

LEFF, Enrique. *Discursos sustentáveis*. trad. Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010.

MUNOZ, Maria Carmem Gonzáles. Principales tendencias y modelos de la Educación Ambiental em el sistema escolar. *Revista Iberoamericana de Educación*, Número 11, Educação Ambiental: Teoria y prática ,1996.

VILLAS-BOAS, Benigna M. de Freitas. *Planejamento da avaliação escolar*. Pró-posições, v. 9, n. 3, p. 19-27, nov. 1998.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental* / Marcos Reigota. - - 2. ed. revista e ampliada - - São Paulo: Brasiliense, 2009.